

Aspectos existencialistas em Luís da Silva: a degradação do eu na obra *Angústia*, de Graciliano Ramos

Fabiana Maceno Domingos Pedrolo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise acerca da personagem Luis da Silva, da obra *Angústia*, de Graciliano Ramos. Escrita em 1936, *Angústia* aborda o campo da condição existencial, a reflexão acerca do estar no mundo e traduz, de forma densa e elaborada, a liberdade de escolha como força motriz da angústia. Nossa análise visa estabelecer relações entre a referida obra e o pensamento existencialista. A angústia, de acordo com este último, provém da liberdade de escolha, aludindo aos filósofos Jean-Paul Sartre e Soren Kierkegaard. Este artigo pretende analisar o livro de Graciliano tomando como instrumental teórico alguns conceitos do existencialismo. Este romance, marcado pela subjetividade e introspecção, traz à tona um viés intrigante para a época, a fruição do narrador-personagem que sofre, questiona e propõe uma narrativa voltada para si, contrapondo à tendência de escrita própria daquele seu período.

PALAVRAS-CHAVE: *Angústia*. Luis da Silva. Existencialismo.

ABSTRACT

The present article proposes an analysis about the character Luis da Silva, of the book *Angústia*, by Graciliano Ramos. Written in 1936, *Angústia* brings the field of the existential condition, the reflection about being in the world and translates, in a dense and elaborate way, freedom of choice as the driving force of anguish. Luis da Silva, whose destiny has reserved a life that is obscure and beyond his expectations, deprived of everything and about to change its outcome, is the core of this analysis that seeks to establish relations between this work and existentialism. Anguish, according to existentialism, comes from this freedom of choice, therefore, based on what is advocated by the philosophers Jean-Paul Sartre and Soren Kierkegaard, this article aims to analyze the aspects of this philosophical current present in the main character of *Angústia*. This novel, composed by subjectivity and introspection, brings to the surface an intriguing bias for the time, the fruition of the narrator-character who suffers, questions and proposes a narrative aimed at itself, opposing the tendency of writing itself from the period in which it was published.

KEYWORDS: *Angústia*. Luis da Silva. Existentialism.

A obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, pertence ao que conhecemos como “romance de 30”, vertente do Modernismo, e como tal, apresenta algumas características peculiares a esta categoria. O Modernismo inaugurou uma tentativa de ruptura com o modelo europeu de escrita e procurou estabelecer uma identidade própria à formação brasileira. Para Candido (2006), muitos escritores esforçaram-se para demonstrar as diferenças entre o Brasil e a Europa, defendendo por conseguinte a fidelidade dessas diferenças expressas no campo da cultura. Neste sentido, é entre 1930 e 1940 que os escritores, não só brasileiros, mas da integralidade da América Latina, passarão a ter consciência de sua unidade na diversidade, contribuindo para uma produção literária mais madura e original.

O romance *Angústia* apresenta como protagonista Luis da Silva: rapaz de 35 anos oriundo do campo que migra para a cidade a fim de melhorar as condições de vida. Funcionário de repartição, o dito *contínuo*, Luis da Silva não possui nem poder aquisitivo nem autoestima elevados, o que o leva, com o passar do tempo, a enclausurar-se em si mesmo.

Lembramos que *Angústia*, romance publicado em 1936, é contemporâneo aos primeiros ensaios de Sartre, *A Imaginação* e *A Transcendência do Ego*. A obra de Graciliano encontra-se entre o pensamento existencialista de Kierkegaard e o Existencialismo sartriano, tendo ressonâncias do primeiro e mantendo aspectos aproximativos com os primeiros ensaios do segundo pensador, talvez em virtude de um sentimento comum mais a uma época, do que a um local. Para o desenvolvimento deste artigo, não abordaremos a questão da possibilidade de uma influência indireta, acontecida em nível geracional, mas sim empregaremos uma abordagem existencialista através do instrumental teórico que operacionalizaremos com suas noções de “angústia” e “escolha” desenvolvidas no texto de Sartre *O Existencialismo é um Humanismo* (2014), editado em 1946.

Escrita em primeira pessoa, *Angústia* é uma narrativa que não flui de forma tão dinâmica como *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Ao contrário destas, a obra aqui em questão transcorre de forma não linear, pautada no fluxo de consciência do narrador e na quase inexistência de diálogos. Nota-se que toda a percepção do enredo nos é fornecida pela onisciência de Luis da Silva, dando pouca margem para outras interpretações, senão as que ele nos permite ver. O narrador, principalmente nas primeiras páginas do romance, transita entre o presente e o que este lhe faz recordar das passagens de sua infância:

Penso na morte de meu pai. Quando voltei da escola, ele estava estirado num marquesão, coberto com um lençol branco que lhe escondia o corpo todo até a cabeça. Só ficavam expostos os pés, que iam além de uma das pontas do marquesão, pequeno para defunto enorme (1993, p. 17).

A perdição de Luis da Silva é Marina, vizinha da casa ao lado, a moça vaidosa e cheia de vida que desperta em Luis um interesse quase imediato. Eles mantêm um namoro e posteriormente um noivado, o qual é interrompido frente à incapacidade de Luis de bancar uma festa e, conseqüentemente, uma vida conjugal. O rompimento com Marina desperta em Luis da Silva uma espécie de epifania acerca de sua condição existencial. “Se eu pegasse a sorte grande, Marina teria colchas bordadas à mão. Pobre de Marina! Precisava fazenda macia, pulseiras de ouro, penduricalhos” (RAMOS, 1993, p.71).

É a partir do momento em que Marina se une a Julião Tavares, que este passa a ser cada vez mais odiado. Julião é a própria representação de tudo que Luis não conseguira ser na vida. Além de ter herdado a loja do pai, Julião Tavares possuía uma influência muito grande na sociedade; era popular e possuía atributos que Luis da Silva não via a possibilidade de obter.

A narrativa de *Angústia* possui um fluxo de consciência que permite ao leitor, ao longo de toda a trama, navegar pelos devaneios de Luis da Silva de maneira a poder vislumbrar o seu entorno tal qual o mesmo o descreve. Por meio dess fluxo pode-se, inclusive, passar a concordar com a personagem, posto

que o seu ponto de vista embora unilateral mostre-se bastante convincente. Por serem vizinhos, a proximidade física com Marina permite ao protagonista por vezes fazer suposições sobre o que estava acontecendo do outro lado do muro:

Furava com os olhos a cal que se descascava e dava ao muro a aparência sardenta, furava o reboco, furava os tijolos. No outro lado a mesa num desarranjo, resto de comida, pontas de cigarro, nódoas na toalha, garrafas abertas, os dois juntos, perna com perna. D. Adélia, encostada ao fogão, respirava fumaça, engelhava as pálpebras, gemia uma desculpa: ‘- É a mocidade.’ Estava invisível e escaldava os dedos torcendo o pano de café. Os dois, grudados, cochichavam, esfregavam-se. Alguns botões tinham saído dos lugares. Afinal tudo era suposição (1993, p. 93).

Angústia apresenta alta densidade psicológica, o que faz com o que o leitor mergulhe no universo da personagem absorvendo sua versão dos fatos. Embora entorpecido, Luis da Silva é consciente e essa lucidez no narrar, sempre econômico, de si face aos fatos vividos ou vistos cativa o leitor, provocando neste a necessária empatia e curiosidade – condições para a leitura.

O que Luis da Silva nutre por Julião Tavares é um misto daquilo que tanto rechaça (sua robustez física, principalmente), com o que gostaria de ter e ser, mesmo que subconscientemente: seu caminho facilitado pelas boas condições financeiras herdadas da família e por fim, a relação próspera com Marina. Luis se vê encurralado pelas dívidas que acumula, pelo trabalho não reconhecido de escritor, pela vida solitária e medíocre. Em seus devaneios a personagem passa mais tempo em elucubrações acerca de seu destino, remoendo memórias funestas sobre a morte de seu pai e o quanto, naquela ocasião, parecia prever o rumo que sua vida tomaria a partir de então, do que vivenciando efetivamente as agruras ou conquistas reais de seu cotidiano.

Eu não podia temer a opinião pública. E talvez temesse. Com certeza temia tudo isso. Era um medo antigo, medo que estava no sangue e me esfriava os dedos trêmulos e suados. A corda áspera ia-se amaciando por causa do suor das minhas mãos. E as mãos tremiam. O chicote do feitor num avô negro, há duzentos anos, a emboscada dos brancos a outro avô, caboclo, em tempo mais remoto... (1993, p. 157).

O narrador personagem, como o próprio nome da obra denomina, sofre de angústia. Mas o que seria esta angústia e por que Luis da Silva é retratado ao longo de todo o enredo de forma tão pesada? O que o conduz para aquela atmosfera tão densa que o circula em uma vertigem?

O sofrimento de Luis remete-nos ao que o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (2015) trata sob o nome de angústia, estando esta associada à liberdade da escolha, o que acabaria por explicar o que Luis da Silva carregava como um fardo em sua vida. Em continuidade ao pensamento existencialista de Kierkegaard, Jean-Paul Sartre vai além nesta associação, em indagações como:

Primeiramente, o que entendemos por angústia? O existencialista costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtar-se ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (2014, p.21).

É imerso nesta responsabilidade decorrente de uma liberdade para tomar alguma atitude, que Luis da Silva cultiva ao longo de toda a obra a necessidade de agir, mesclada ao medo das consequências. O sofrimento daí resultante não existiria se ele não sentisse justamente esta ânsia por chamar para si o fardo de liquidar a situação em que se encontrava. A angústia de Luis da Silva é proveniente das possibilidades que enxerga pelo caminho; enquanto absorto no lugar subjugado, ele parecia não se aperceber deste sentimento, pois viver nas “sombras” é relativamente fácil. O sentimento de angústia se dá quando projeta possibilidades, quando precisa escolher, quando está em suas mãos a condição de agir ou não, enfrentar ou não as consequências de sua liberdade de escolha. Ainda à luz de Kierkegaard (2015),

A angústia é uma importância feminina, na qual a liberdade desmaia, em termos psicológicos, a queda sempre ocorre na importância; mas ao mesmo tempo a angústia é a coisa mais egoísta que há, e nenhuma expressão concreta de liberdade é tão egoísta como a possibilidade de qualquer concreção. Isto é, uma vez mais, o elemento que oprime, que determina a relação ambígua do indivíduo, de simpatia e antipatia. Na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angustia, insinuante, com sua doce ansiedade (KIERKEGAARD, 2015, p. 67).

Neste sentido, a personagem sente-se deslocada em um mundo no qual, segundo ela, relegava-a a um lugar obscuro e anônimo em virtude de sua frágil condição financeira. Fugia de seus credores, tinha um subemprego e via naqueles que possuíam bens uma ameaça iminente frente ao pouco progresso que pretendia na vida. A perda de Marina para Julião Tavares só endossou o sentimento de inferioridade que Luis carregava consigo. Como consequência, e lembrando Candido (2006), temos em Luis da Silva “um meticuloso vencido”, que odeia aos outros, mas antes, odeia a si mesmo por não compactuar e pertencer à sociedade que tanto o enoja.

Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo, ouvir o currupaco, ler, escrever. A multidão é hostil e terrível (RAMOS, 1993, p. 159).

Esta consciência de estar à margem oferece uma configuração da personagem de Luis da Silva pertencente àquelas mais complexas de Graciliano Ramos. O que o difere de Julião Tavares é justamente isso: enquanto este usufrui dos prazeres da vida quase que de forma automática e natural, sem se dar conta da posição relativamente superior em relação a Luis da Silva, o protagonista está totalmente consciente do que o exclui e o mantém de fora. Esta condição de estar em alerta permanente e em auto análise constante acaba por condicionar Luis da Silva à angústia intermitente que culminará em atitudes extremas ao final da trama.

Candido observa que:

avulta na obra de Graciliano Ramos, a preocupação com a análise do *eu* culmina, pois em *Angústia*, onde atinge, simbolicamente, a materialização do homem dilacerado, – isto é, a duplicação, a formação de uma alma exterior que adquire realidade e projeta o desdobramento do ser (CANDIDO, 2009, p.115).

Ao refletir sobre o desdobramento do ser, a partir desta personagem, é possível remeter-se à noção de um sujeito fraturado, discutido por Luiz Costa Lima (2000, p. 23), quando este observa que “o sujeito é fraturado porque ele não tem uma posição *a priori* definida, senão a que assume, assim, se identificando, no interior dos conflitos de interesses e na assimetria dos grupos sociais”. Neste sentido, o que poderia representar este sujeito fraturado nesta obra de Graciliano Ramos? Em *Vidas Secas* e *São Bernardo*, os protagonistas Fabiano e Paulo Honório são sujeitos solares que, segundo Costa Lima (2000) representariam o homem em sua condição definida, imutável e determinada. Nas palavras deste mesmo autor, o sujeito fraturado já é aquele que tenta romper com o estabelecido. Assim, Luis da Silva é aquele ser deslocado, oprimido e indignado, que começa de maneira sutil a tomar consciência de seu estar no mundo.

Nesta tomada de consciência, a personagem passa a sentir a angústia, angústia proveniente de um incômodo existencial, de um sentimento de inconformismo aliado a uma ira contra tudo e contra todos, inclusive contra si mesmo. Subjugado, Luis da Silva parece nutrir uma introspecção na sua condição marginal endossando um sentimento de revolta que vai se acumulando com passar do tempo frente aos acontecimentos. Sentia-se nitidamente inferiorizado por Julião Tavares e, apenas a presença deste ou a suposição do tratamento dado a ele comparado ao que costumava receber, invadia-lhe frequentemente o pensamento de forma negativa:

Em toda a parte era assim. Derramava-se no bonde e, se alguém lhe tocava as pernas, desenroscava-se com lentidão e lançava ao importuno olhar duro. Eu encolhia-me, reduzia-me e, em caso de necessidade, sentava com uma das nádegas (RAMOS, 1993, p. 182).

O relacionamento com Marina não fora acabado de uma só vez. A moça ia se afastando de Luis da Silva de forma branda e apática, o que o deixava mais intrigado, uma vez que Luis acreditava que o distanciamento de Marina estava ligado ao fato de ela estar se interessando por Julião Tavares e, alimentado cada vez mais por esta crença, o protagonista ia fomentando sua ira pelo rival:

Pouco a pouco nos fomos distanciando, um mês depois éramos inimigos. A princípio houve brigas, reconciliações desajeitadas, conversas azedas com d. Adélia. Tempo perdido. Marina estava realmente com a cabeça virada para Julião Tavares. Comecei a passar trombudo pela calçada, remoendo a decepção, que procurei recalcar. – Mulheres não faltam (1993, p. 90).

Julião Tavares era o que Luis da Silva mais rejeitava e ao mesmo tempo, representava tudo que este gostaria de ser. Neste paradoxo, Candido (2009) afirma que “sob certos aspectos Julião Tavares, como observou Laura Austregésilo, é uma espécie de duplo de Luis da Silva, encarnando tudo que lhe falta” (CANDIDO, 2009, p. 116) e, neste sentido, é possível que nesta projeção, a personagem principal endossasse seu ódio por Julião, reconhecendo nele aspectos de si mesmo que gostaria de ter.

Assim sendo, a relação de Luis com Julião Tavares, no que diz respeito à projeção seria o que Bloom (2003) afirma “buscar expelir do eu tudo que este não suporta reconhecer como seu” (p. 114). Envoltos nesta atmosfera de reconhecimento, Luis da Silva passou a acreditar que liquidando com Julião, este sentimento de inferioridade, misto de ódio com inveja também seriam aniquilados.

Após trinta e cinco anos de “quietismo”, a personagem vê como possibilidade de livramento a escolha de uma atitude diante de sua vida que rompesse com o estabelecido de até então. Ratificando uma filosofia existencialista, ao abrir mão do quietismo, Luis da Silva assume o risco de ter que suportar as consequências de seus atos extremos.

O quietismo é uma atitude daqueles que dizem: ‘Os outros podem fazer aquilo que eu não posso’. A doutrina que lhes apresento é exatamente o contrário do quietismo, pois ela afirma: ‘Só existe realidade na ação’; e ela vai ainda mais longe, acrescentando: ‘O homem não é nada mais que seu projeto, ela não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida’ (SARTRE, 2014, p. 30).

Desejoso de assassinar Julião Tavares e assim, pôr fim à angústia que o consumia, Luis da Silva reiterava de forma sistemática e constante que este era o único caminho e, ao cogitar frequentemente a necessidade de matá-lo, o protagonista parecia estar validando que a atitude a ser tomada era legítima. Entretanto, para ele não era suficiente somente matar; ao imaginar a cena, Luis da Silva se via esqueteando o rival como que se o fato de cortá-lo em pedaços fosse pouco a pouco eliminando também o desconforto que a presença deste representava.

O estopim para que o fato fosse efetivamente consumado foi quando Julião Tavares engravidou Marina e em seguida a abandonou. Esta situação para Luis da Silva consolidou o que este já havia previsto e só veio a ratificar os motivos pelos quais para o protagonista, Julião mereceria morrer.

Ao perseguir seu desafeto, Luis da Silva ainda esboça qualquer sentimento de remorso, uma sombra de compaixão que o impulsiona a abortar a ideia de assassinato, mas esta logo se dissipa controlada pela vontade soberana de superação:

Desejei que Julião Tavares fugisse e me livrasse daquele tormento. Se ele corresse pela estrada deserta, estaria tudo acabado. Eu tentaria alcançá-lo. Inutilmente. Pensei em gritar, avisá-lo de que havia perigo, mas o grito morreu-me na garganta. Não grito: habituei-me a falar baixinho na presença dos chefes (RAMOS, 1993, p. 190).

O trecho acima bem expõe a condição subalterna em que Luis da Silva se considerava. Ainda que prestes a abordar Julião em emboscada, o protagonista ainda nutria um ranço de subserviência e submissão em relação ao seu inimigo que o impedia inclusive de gritar. É desta condição que Luis da Silva pensa estar liberto com a morte de Julião Tavares. Em seguida, no entanto, Luis da Silva se encoleriza ao lembrar-se de todas as humilhações por ele sofrida e o quão Julião Tavares se mostrava ingrato em relação ao trabalho que realizava. Neste instante, Luis toma coragem, esbraveja contra seu algoz, mesmo este estando metros à frente e impossibilitado de ouvi-lo. De forma catártica, o protagonista manifesta de uma vez por todas, a repulsa e a raiva acumulada ao longo do tempo. É como se neste momento os papéis se invertessem e Julião Tavares pudesse finalmente então ser subjugado e oprimido.

Neste sentido, Sartre (2014) afirma que na condição existencialista heróis e covardes não possuem papéis fixos de forma definida. Assim, para que Luis da Silva se enxergasse como herói, mesmo que por uma fração de segundos, estava em suas mãos decidir qual caminho tomar.

[...] o existencialista diz que o covarde se faz covarde, e o herói se faz herói. Existe sempre uma possibilidade para o covarde deixar de ser covarde e para o herói deixar de ser herói. O que determina é o engajamento total e não é um caso particular, uma ação isolada, que engajará totalmente (2014, p.33).

Ao eliminar Julião Tavares, enforcando-o e o pendurando em uma árvore com uma corda para simular um suicídio, Luis da Silva pareceu retirar dos ombros um fardo: exterminou a parte que tanto lhe incomodava, liquidou com a pedra do caminho e, embora temerosa de ser descoberta, a personagem estava convicta de que era o certo a se fazer. Esta convicção, no entanto, vai se dissipando conforme as horas vão passando e a personagem é então acometida de outra angústia: o medo de que o assassinato fosse desvendado.

Luis da Silva percebe então que o mesmo sentimento que o impulsionou a cometer o ato ainda se instaurava, agora de forma perene, pois o motivo de tal sentimento não podia mais ser revertido. Neste sentido, a obra parece nos direcionar ao fato de que Luis, ao longo do enredo, foi se transformando em um sujeito cada vez mais complexo e menos categorizado. É provável que as condições materiais de Luis foram o estopim para o desencadeamento de todo o desfecho, entretanto, o desdobrar dos fatos mostrou um protagonista cada vez mais confuso e menos convencional. Ao tratar sobre ato do herói na narrativa romanesca Bakhtin observa que:

O ato necessita ser determinado por sua finalidade e por seus meios, e não pelo sujeito atuante, o herói. O ato fala-nos do mundo das coisas que rodeia o executante, o único mundo que engendra o valor do ato, e não do sujeito atuante, do herói. A análise de um ato é totalmente objetiva. Daí a ideia da liberdade ética do ato: o que o determina é o fato de ele ainda-não existir, o fato de ser pré-dado em sua finalidade e em seu objeto; ele nasce antes e não depois, no que ainda-não-é, e não no que já-é (1997, p. 155).

Bakhtin nos leva a refletir sobre a ânsia do protagonista de livrar-se de si mesmo através do outro, pois, Luis da Silva acometido pelo desespero, acreditava que alterando a natureza dos fatos e do destino, alcançaria seu objetivo. Para Kierkegaard (1979), o desespero está fatalmente ligado à necessidade de ser um *eu* que não o existente, o inventado: “ser este que não se quer ser, é o seu suplício”. E assim, Luis da Silva experimenta o desespero, pois somente através dele é capaz de abandonar as condições desfavoráveis e a atitude passiva diante da realidade, de acordo com Penha (2014).

A obra *Angústia* instiga por apresentar uma densidade psicológica não muito comum para a época em que foi escrita. Além disso, apresenta um protagonista dotado de nuances próprias e características bastante particulares, uma vez que, sendo ele mesmo o narrador, fomenta no leitor uma certa compaixão e ao longo do enredo, traça um percurso bastante convincente para justificar suas ações. Luis da Silva nutre a sua angústia até as últimas linhas da narrativa e, ainda que abalado pelo ato cometido, ele mostra-se disposto a relatar todo o acontecido como que para endossar a impossibilidade de outro caminho.

Luis da Silva se contrapõe ao herói clássico descrito por Bakhtin (1997, p. 190), que “ocupa um lugar determinado no mundo, no que é o essencial de si mesmo, já está determinado e, conseqüentemente, está perdido.” A personagem desconstrói uma existência pré-definida e óbvia, faz-se atuante na História, tal como defende Sartre, toma para si a incumbência de alterar a rota de sua vida cujo fado da insignificância parecia mais amedrontador que qualquer ato de violência que o devolvesse, mesmo que de modo negativo, ao jogo da vida.

De forma cíclica, *Angústia* tem início com o relato do narrador que, desperto de sua situação de torpor frente ao assassinato que cometera, fora tomado por uma forte febre. Do mesmo modo, a narrativa se encerra com um Luis da Silva delirante, atormentado pela culpa e rodeado por personagens de seu imaginário, os quais o farão companhia em seu estado de angústia. Não fica claro ao final da narrativa se Luis da Silva enlouquece ou morre, entretanto, este carregará consigo até os instantes finais relatados o sentimento de medo em ser descoberto, vê o rosto de Julião em tudo o que realiza e, portanto, o seu propósito de livrar-se do motivo de toda a sua ira passa a ser seu próprio calvário.

A personagem Luis da Silva contempla em sua estrutura aspectos existencialistas por tentar quebrar um ciclo determinista de vida. Embora, o caminho tomado tenha sido extremo, é relevante ressaltar que, como indivíduo, a personagem precisara de um engajamento fora de sua zona de conforto para tomar a atitude que tomou. Se o resultado não fora o esperado e, ainda que tenha de lutar com novas angústias provenientes de seu ato, Luis não se submeteu a um determinismo social, ao contrário, reagiu a ele, fazendo uma escolha e arcando com as conseqüências reais ou imaginárias que dela se originaram.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*. 2.ed. Trad. Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Imago, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Ficção e Confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- _____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- KIERKEGAARD, Soren A. *O conceito de angústia*. Trad. e posfácio Álvaro Luiz Montenegro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- _____. *O desespero humano*. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- PENHA, João da. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1993.

_____. *São Bernardo*. São Paulo, Record, 2003.

_____. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. *A Imaginação*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 2013.

_____. *A Transcendência do Ego*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em 04/06/2017
Aprovado em 26/10/2017